

V ENEC - Encontro Nacional de Estudos do Consumo
I Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo
Tendências e ideologias do consumo no mundo contemporâneo
15, 16 e 17 de setembro de 2010 - Rio de Janeiro/RJ

**Brasileiros em Boston:
As Mudanças no Cenário da Oferta de Alimentos e
o Fluxo Transnacional de Produtos nas Redes Sociais**

Viviane Kraieski de Assunção¹

Resumo

Este trabalho é baseado em uma etnografia das práticas e saberes alimentares de imigrantes brasileiros na região de Boston, Estado de Massachusetts, nos Estados Unidos, realizada em 2009. Considero que a alimentação é uma via de leitura da experiência migratória, pois, quando migram, os indivíduos levam consigo práticas e saberes alimentares, que podem ser mantidos, adaptados ou transformados na sociedade de destino. Durante oito meses, realizei observação participante e entrevistas com brasileiros de diversas idades, classes sociais, diferentes Estados brasileiros e tempo de permanência nos EUA. Grande parte dos interlocutores de minha pesquisa etnográfica é de indocumentados, mas também participaram de minha pesquisa portadores de *Green Card* (residentes permanentes legais) e brasileiros com cidadania norte-americana. Os imigrantes são entendidos aqui não como indivíduos isolados, mas como participantes em redes sociais de migração, que são compostas por migrantes e não-migrantes, presentes tanto no país de origem quanto no país receptor. Neste *paper*, mostro que a oferta de alimentos “brasileiros” em Boston vem aumentando nas últimas décadas, acompanhando o fluxo de brasileiros para a região. Além disso, discorro sobre a circulação informal de produtos entre os dois países a partir dos participantes das redes sociais. Apresento quais são os principais produtos enviados e recebidos pelos imigrantes, destacando o envio de alimentos para os imigrantes em Boston. Argumento que estas comidas apresentam valor simbólico e estão fortemente relacionados com a memória dos indivíduos que migraram.

Palavras-chave: Migração internacional; comida; transnacionalidade

¹ Doutoranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. vivianekraieski@gmail.com

1- Introdução: Imigrantes, redes sociais e transnacionalidade

De maio a dezembro de 2009, realizei uma etnografia das práticas e saberes alimentares de imigrantes brasileiros na região da Grande Boston, Estado de Massachusetts, nos Estados Unidos. Tomando como referenciais teóricos uma longa bibliografia antropológica que considera as dimensões sócio-culturais do ato alimentar ², procurei perceber em meu trabalho de campo de que forma(s) a alimentação poderia me ajudar a compreender a experiência de ser imigrante brasileiro(a) em Boston. Quando migram, os indivíduos levam consigo práticas alimentares que podem ser mantidas, adaptadas e/ou transformadas na sociedade receptora. Entendendo a alimentação com parte integrante do cotidiano e do ritmo de vida das pessoas, acredito que seu estudo possibilita compreender as mudanças e continuidades enfrentadas pelos imigrantes em um novo contexto social.

Durante oito meses, entrevistei e convivi com imigrantes de diferentes Estados brasileiros, camadas sociais e status migratório, sendo a maior parte indocumentados, o que reflete a situação da maioria dos brasileiros que vivem nos Estados Unidos. É difícil precisar o tamanho da população brasileira naquele país. Segundo estimativas de um estudo do economista Álvaro Lima, há entre 800 mil e 1,4 milhão de brasileiros nos Estados Unidos, sendo que a maior concentração – 24%, que corresponde a 336.000 – encontra-se no Estado de Massachusetts.³ De acordo com este mesmo estudo, estes imigrantes são provenientes de diversas regiões do Brasil, mas a maioria vem dos Estados de Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Paraná e Santa Catarina (LIMA, 2009).

Meu trabalho de campo evidenciou que os imigrantes brasileiros em Boston não podem ser compreendidos como indivíduos isolados, mas sim como participantes de redes

² Entre outros autores, destaco: DOUGLAS, 1971; DOUGLAS & GROSS, 1981; FISCHLER, 1992, 1995; LÉVI-STRAUSS, 1965, 2004; MINTZ, 2001; POULIN, 2004; SIMMEL, 2004; WOORTMANN, 1986.

³ Uma das pioneiras em estudos da imigração brasileira nos Estados Unidos, a antropóloga norte-americana Maxine Margolis (Cf. MARGOLIS, 1989, 1994), afirma que o número preciso de cidadãos brasileiros nos Estados Unidos é desconhecido por dois motivos: falhas no Censo norte-americano, que não apresenta em seus formulários a categoria que informa a origem nacional, e a falta de documentação dessa população, já que muitos brasileiros indocumentados evitam responder ao Censo temendo serem denunciados e deportados (MARGOLIS, 2003). A autora, atualizando conclusões de suas pesquisas anteriores, afirma que no início do século XXI há sinais de mudanças no quadro que apontava o grau de invisibilidade da comunidade de imigrantes brasileiros (MARGOLIS, 1998). De acordo com Margolis, apesar da recessão econômica e do maior controle de fronteiras nos Estados Unidos após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, os brasileiros continuam chegando e que muitos não têm planos de voltar ao Brasil, ou adiam continuamente o retorno. A autora mostra ainda que os fluxos migratórios estão se diversificando, pois tendem a se originar de diferentes regiões brasileiras rumo a localidades norte-americanas mais diversificadas.

sociais, formadas por familiares, amigos e conhecidos.⁴ Estudos sócio-antropológicos mostram que a migração internacional é possibilitada por estas redes, que buscam diminuir riscos e perigos presentes na mudança para um outro país.⁵ Contatos com familiares ou conhecidos na sociedade receptora são importantes para o estabelecimento de novos imigrantes, pois fornecem informações que os auxiliam, entre outras coisas, a encontrar moradia e emprego.⁶ Os laços, que ligam tanto migrantes quanto outros indivíduos das sociedades receptoras, estabelecem papéis sociais e expectativas de comportamento entre os membros destas redes (MASSEY 1990).

Estas redes sociais estabelecem conexões entre dois países, atuando, portanto, em um contexto que pode ser definido como transnacional. Como analisam Glick-Schiller, Basch e Blanc-Szanton, os imigrantes experienciam a transnacionalidade por estarem envolvidos em processos que cruzam fronteiras geográficas, culturais e políticas. Para estas autoras, os imigrantes podem ser entendidos como transmigrantes na medida em que desenvolvem e mantêm múltiplas relações (familiares, econômicas, religiosas, políticas, entre outras) na sociedade receptora e em sua sociedade de origem (GLICK-SCHILLER, BASCH e BLANC-SZATON, 1992).⁷ Ribeiro (1997), que define transnacionalidade como “a consciência de fazer parte de um corpo político global”, destaca que esta relação entre distintos territórios e arranjos sócio-culturais e políticos orientam os modos “como as pessoas representam pertencimento a unidades sócio-culturais, políticas e econômicas”.

Entender os imigrantes não como indivíduos isolados, mas conectados em redes sociais que se estendem dentro de um contexto transnacional permite-nos compreender a circulação de produtos que se dá entre os participantes destas redes, que incluem, além dos imigrantes, seus familiares, parentes, amigos e conhecidos no Brasil. Neste artigo, seguindo a orientação de Appadurai de que as coisas têm vida social (1988), focarei no

⁴ Boyd (1989) esclarece que as redes sociais são objetos de pesquisa sobre a migração desde os anos 70, quando pesquisadores consideraram o papel que familiares e amigos de migrantes exerciam no processo migratório, como trocas de informações.

⁵ Massey (1990) lembra que estas redes não apenas favorecem a migração para determinadas sociedades, como também a limita para os locais de alcance destas redes.

⁶ Além de ajudarem os imigrantes a se estabelecerem na sociedade de destino e a conseguirem trabalho, as redes sociais também são responsáveis pelo suporte emocional, envolvendo os sujeitos em redes de sociabilidade (BOYD, 1989).

⁷ Foner (2000) destaca que os processos considerados hoje transnacionais são, na verdade, de longa data, mas apresentam novas dinâmicas e também continuidades com o passado. Segundo a autora, os processos transnacionais atuais se diferenciam dos anteriores devido a mudanças tecnológicas que facilitaram e intensificaram o contato entre imigrantes e seus parentes nas sociedades de origem; as novas atividades econômicas que permitem investimento e gerenciamento em dois ou mais lugares; os novos contextos políticos, com Estados mais soberanos e políticas de dupla-cidadania; e um maior comprometimento com o pluralismo e a diversidade cultural, apesar da presença de sentimentos anti-imigrante.

fluxo de objetos que acompanha o fluxo de pessoas entre Boston e diferentes localidades brasileiras. Pretendo mostrar aqui quais produtos são enviados e recebidos pelos imigrantes com maior recorrência, e destaco o lugar da comida nesta circulação. Para entender melhor este lugar, começo apresentando brevemente o que os interlocutores de minha pesquisa comem e onde compram esta comida na região de Boston.

2 - A comida “brasileira”⁸

Quando eu lhes perguntava o que costumam comer, ou se suas práticas alimentares tinham sofrido mudanças após a migração, a maioria de meus interlocutores respondia com recorrência que comiam comida “brasileira” e, muitos deles, afirmava que sua alimentação era “igual a do Brasil”. A maior mudança era relatada em relação à rotina alimentar: o jantar passa a ser a principal refeição do dia, geralmente feita em casa e com a família. No Brasil, segundo me relataram, sua principal refeição durante o dia era o almoço.

Esta mudança na rotina alimentar ocorre principalmente por causa das longas horas de trabalho dos imigrantes. Alguns deles disseram-me levar marmitta, preparada na noite anterior, para o almoço. João, lavador de vidraças, possui um aparelho de microondas no carro para esquentar a comida ao meio-dia. Outros brasileiros, porém, enfrentam algumas dificuldades em levar marmitta para o trabalho. Duas *housecleaners*⁹ relataram-me que não podem aquecer a comida na casa de patrões norte-americanos “porque a comida brasileira dá cheiro”. A alternativa delas e de outras *housecleaners* é comer “besteiras” no carro, enquanto se deslocam de uma casa a outra, ou ainda alimentar-se apenas à noite, de acordo com o relato de várias delas. Há ainda os brasileiros que trabalham em restaurantes e cadeias de *fast food*, e comem lanches ou outras comidas que são servidas lá.

Meus interlocutores contaram que é possível encontrar na região de Boston “quase tudo do Brasil”. Conversei com brasileiros que moram há 20 anos ou mais na região, que me

⁸ Esclareço que utilizo o termo comida “brasileira” para ser fiel às denominações usadas por meus interlocutores. Considero que este termo compreende uma grande variedade de comidas e apresenta múltiplas significações, e qualquer tentativa de definição não daria conta desta variedade. No meu ponto de vista, seu uso, distante de qualquer essencialismo ou definição homogênea, é útil para pensar as mudanças e continuidades das práticas alimentares narradas por meus interlocutores após a migração, bem como os sentidos que atribuem a estas.

⁹ *Housecleaner* pode ser traduzido para o português como “faxineira (o)”. São, em sua maioria, mulheres que realizam limpeza em casas. Sobre as *housecleaners* brasileiras em Boston, ver o trabalho de Fleischer (2002). Hondagneau-Sotelo (2007) também realizou um estudo sobre *housecleaners* na Califórnia.

disseram que o primeiro restaurante brasileiro teria surgido em Boston no final da década de 70 e início da década de 80. Já os mercados brasileiros surgiram em maior número nos anos 80 e, na década de 90, começaram a ser encontrados alguns produtos brasileiros em prateleiras destinadas a “produtos étnicos” nas redes de supermercados norte-americanas. A partir do ano 2000, mercados, padarias e restaurantes brasileiros começaram a se multiplicar, concentrando-se nas *towns* e *cities* da Grande Boston onde imigrantes são mais numerosos, como Framingham, Everett e Allston.

Os brasileiros com quem convivi na região de Boston costumam comprar a maior parte da comida que consomem em supermercados, como arroz, feijão, frutas e verduras. Também é comum que carnes sejam compradas em açougues brasileiros, pois o corte “brasileiro” é diferente do corte da carne feito em mercados e açougues norte-americanos. O arroz mais consumido é o asiático – segundo meus interlocutores, por ser “branco como o brasileiro” e ficar “soltinho” após o preparo. O feijão escolhido pela maioria dos brasileiros é o feijão preto ou vermelho, originário da América Central, que, de acordo com explicações de meus interlocutores, mais se assemelham ao consumido no Brasil. O café consumido com maior frequência é o de marca brasileira; no entanto, um café colombiano também é comprado por ser considerado “igual” ao produto brasileiro.

Nas prateleiras destinadas aos produtos brasileiros nos supermercados norte-americanos podem ser encontrados biscoitos, café, leite de coco, farinha de mandioca, fubá, guaraná, chocolate, entre outros produtos, todos de “marcas brasileiras”¹⁰. Outros produtos são encontrados somente nos mercados brasileiros, como azeite-de-dendê, doces e compotas. Muitos brasileiros disseram-me fazer poucas compras nestes mercados por serem muito mais caros que os preços cobrados em supermercados norte-americanos. Além de alimentos, é possível encontrar nos mercados brasileiros outros produtos, como, por exemplo, chinelos *havaiana*, CDs e DVDs de artistas brasileiros e produtos de higiene e beleza (maquiagem, xampus, condicionadores e hidratantes). A maioria destes mercados também fazem remessas de dinheiro para o Brasil.

A maioria dos restaurantes brasileiros serve *buffet* a quilo (cobra-se pelo peso da comida no prato), mas também são comuns rodízio de carne. Alguns possuem ainda serviços *a la carte*. Por causa da grande concentração de brasileiros provenientes do Estado de Minas Gerais, podem ser encontrados muitos pratos mineiros, como feijão tropeiro e frango com quiabo. Mas há também um restaurante especializado em comida baiana e um em frutos

¹⁰ Esclareço que grande parte destes “produtos industrializados brasileiros” é produzida no Brasil por grandes companhias multinacionais, como Nestlé e Unilever. Classifico-os como “brasileiros” seguindo a denominação utilizada por meus interlocutores para se referirem a produtos com rótulos em português e das mesmas marcas que encontravam e compravam no Brasil.

do mar, que tem como especialidade a moqueca capixaba. Meus interlocutores disseram-me comer nestes restaurantes com mais freqüência nos finais-de-semana, especialmente aos domingos. Além dos restaurantes, também há padarias brasileiras, onde são vendidos pães, pão de queijo, bolos e salgados. Estas padarias também oferecem encomendas de bolos, docinhos e salgados para festas.

Nos últimos anos, também surgiram nos mercados da região verduras bastante consumidas e utilizadas em culinárias regionais brasileiras, como o jiló e a taioba. Esta oferta ocorreu através de um projeto desenvolvido por uma universidade norte-americana com a participação de estudantes brasileiros, que cultivava estas verduras em estufas. Conheci também um brasileiro que me contou que seu irmão tem uma plantação de jiló em sua casa, e costuma vender a produção em festas brasileiras, como o *Brazilian Day*, em Nova York. Há ainda fazendas de proprietários norte-americanos que plantam o “milho brasileiro” que, segundo meus interlocutores, é diferente do “milho norte americano”, pois este é doce e não possui consistência suficiente para fazer pamonha.

Esta oferta de produtos alimentícios brasileiros acompanhou o aumento do fluxo de brasileiros na região de Boston. No entanto, apesar de ser possível encontrar “de tudo”, chama a atenção o fato de meus interlocutores recorrentemente descreverem a comida que consomem nos Estados Unidos como “sem gosto”. São consideradas “sem gosto” uma grande variedade de alimentos, como as carnes, frutas e verduras. Alguns interlocutores dizem que a comida norte-americana é “sem gosto” por não ser preparada com certos temperos, como alho e cebola, ou ainda ter pouco sal. Mas também ouvi reclamações de brasileiros de que os produtos industrializados vendidos nos Estados Unidos, como café e leite condensado brasileiros, por exemplo, “não tem gosto” como os similares vendidos no Brasil. Desta forma, apesar de “se encontrar de tudo”, a comida consumida em Boston (“brasileira” ou não) não é considerada tão saborosa quanto a preparada no Brasil, onde teria “mais gosto”. Através dos relatos de meus interlocutores, é possível perceber que a sensualidade da comida é um veículo para a memória de um passado vivido no Brasil, sempre narrado com *saudade*. Ressalto que a memória, seguindo as reflexões de Holtzman (2006), desestabiliza as noções de verdade, pois considera a forma subjetiva como o passado é lembrado (ou esquecido) e usado para construir o presente.

Antes de relatar quais comidas circulam entre imigrantes em Boston e seus familiares, parentes e amigos no Brasil, discorro sobre a circulação de outros produtos entre imigrantes. Penso que para entender o *lugar* da comida nesta circulação, é preciso

também considerar o fluxo de outros produtos entre os participantes das redes sociais. Acredito que é através da relação entre o que é recebido e enviado pelos imigrantes que a importância da comida se destaca.

3 - A circulação de produtos entre Brasil e Boston

Como apontei no início deste artigo, a imagem de imigrantes isolados, desenraizados, para usar a definição de Handlin (1971[1951]), sem conexões com seus familiares no Brasil não corresponde à experiência da grande maioria dos brasileiros que encontramos em Boston. Além de ser uma comunidade de mais de 300 mil pessoas na região, estes brasileiros também mantêm relações com a família e amigos no Brasil. A manutenção destas relações é facilitada pelos meios de comunicação atuais, como telefones¹¹ e Internet. Há também aqueles que recebem visitas de familiares vindos do Brasil (alguns deles com as despesas pagas pelos próprios imigrantes), como também parentes e amigos.

Através destas idas de parentes e amigos, diversos produtos circulam entre os Estados Unidos e o Brasil. Estes produtos não são transportados apenas em malas. Alguns são enviados em caixas através de transportadoras brasileiras sediadas nos Estados Unidos especializadas em mudanças,¹² ou ainda através dos correios, que é tido como um serviço mais caro. É preciso esclarecer que este serviço de transporte de caixas encareceu bastante nos últimos anos, segundo relatos dos brasileiros com quem conversei, o que teria diminuído consideravelmente o fluxo de produtos. Já o transporte em malas tem sido dificultado por um aumento na fiscalização dos aeroportos por motivos de segurança, principalmente após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, e medidas fiscais para coibir o contrabando de mercadorias. A circulação de comidas, por outro lado, encontra certas restrições sanitárias estabelecidas por cada país. No entanto, todas estas dificuldades não chegam a impedir completamente a entrada de produtos nos dois países.

¹¹ As tarifas telefônicas cobradas em ligações dos Estados Unidos para o Brasil são consideradas bastante acessíveis pelos imigrantes, diferentemente dos valores cobrados no Brasil para as ligações internacionais.

¹² Durante meu trabalho de campo em Boston, acompanhei diversas denúncias veiculadas em jornais brasileiros contra algumas destas transportadoras. Elas foram acusadas de não entregar as caixas com mercadorias no Brasil. Conheci também alguns brasileiros que foram lesados por algumas empresas, e que narraram terem perdido caixas com móveis, eletrodomésticos, roupas e outros produtos. Além disso, algumas destas empresas têm sido investigadas por transportarem produtos sem o pagamento de impostos, o que caracteriza contrabando.

Nesta circulação de mercadorias, é interessante considerar o papel dos brasileiros portadores de *Green Card*, ou residentes permanentes nos Estados Unidos. Estas pessoas são imigrantes legais que, além da permissão de trabalho, têm também a permissão de sair do país por tempo determinado e retornar. Esta liberdade de ir e vir é bastante destacada nas conversas dos imigrantes, pois permite visitar parentes no Brasil e retornar aos Estados Unidos sem as barreiras enfrentadas pelos imigrantes indocumentados. Há também os brasileiros que possuem cidadania americana e mantiveram a cidadania brasileira, podendo entrar e sair dos dois países sem nenhum impedimento legal. Estudos mostram que a situação legal dos imigrantes, ao contrário de contribuir para o distanciamento de suas ligações com sua sociedade de origem, ajuda-os a fortalecer essas relações, por permitirem sua circulação entre os dois países. Na circulação de produtos, os portadores de *Green Card* e os brasileiros com cidadania norte-americana apresentam um papel importante, pois constantemente recebem pedidos de outros brasileiros para trazer ou levar produtos para o Brasil em suas viagens.

Embora bastante diversificado, o fluxo de mercadorias parece apresentar certos padrões em relação ao que é enviado e recebido em Boston e em diferentes localidades do Brasil. São enviados para o Brasil principalmente aparelhos eletrônicos, como computadores, *laptops*, câmeras digitais, máquinas fotográficas e telefones celulares. Estes produtos são vendidos a preços mais acessíveis nos Estados Unidos e, segundo alguns interlocutores, são mais “modernos” ou “avançados” do que os vendidos no Brasil. Alguns destes eletrônicos são enviados como presente para familiares ou parentes próximos, ou seja, sem nenhum custo para aquele que o recebe. Outros, porém, são “encomendados” por pessoas no Brasil, que pagam para recebê-los a custos menores do que os cobrados em lojas brasileiras. Por serem de maior custo e considerados “frágeis”, estes produtos são mais recorrentemente enviados através de pessoas que viajam para o Brasil.

Além dos eletrônicos, os imigrantes em Boston contaram-me enviar com frequência artigos com marcas “de grife”, que possuem preços bastante altos no Brasil. Dentre estes itens, estão principalmente tênis, bolsas, óculos escuros e perfumes. É bastante comum o envio de hidratantes corporais, perfumes e maquiagens da marca *Victoria Secrets*. Assim como os eletrônicos, alguns destes produtos são comercializados por familiares e parentes no Brasil, mas também são enviados para seu uso. Com recorrência, meus interlocutores destacaram a facilidade em adquirir estas mercadorias nos Estados Unidos, e a impossibilidade de comprá-los se ainda vivessem no Brasil, por causa dos baixos salários e do alto preço destes produtos.

Nem sempre estes produtos “de grife” são comprados pelos imigrantes em Boston. Alguns brasileiros que trabalham em casas de famílias norte-americanas abastadas, principalmente as *housecleaners*, disseram-me ter ganhado algumas roupas, sapatos e bolsas usadas de seus patrões. É ainda comum a compra destes produtos falsificados em feiras e lojas clandestinas. Estas mercadorias são bastante elogiadas por seu preço baixo e por serem muito semelhantes às originais.

O fluxo no sentido inverso – do Brasil para os Estados Unidos – também apresenta recorrências. São enviados para imigrantes em Boston, com maior frequência, algumas comidas, medicamentos e roupas. Na próxima sessão deste artigo, trarei com maiores detalhes quais comidas são enviadas aos imigrantes. Os medicamentos são enviados através de pessoas que vão para os Estados Unidos, mas também pelos correios. Segundo informações de meus interlocutores, é possível enviá-los em envelopes ou caixas com receitas médicas. Há, no entanto, outras estratégias que me foram reveladas para possibilitar este envio. São enviados frequentemente analgésicos e pomadas para dores musculares, medicamentos para gripe e anticoncepcionais. De acordo com meus interlocutores, estes remédios os ajudariam a tratar de problemas de saúde, como dores musculares causadas pelo trabalho exaustivo, sem a necessidade de perder horas de trabalho para consultar médicos. Além disso, é preciso considerar que nos Estados Unidos boa parte do sistema de saúde é privada e de alto custo, o que dificulta o acesso a tratamentos. Já a fiscalização da venda de remédios é bastante rigorosa e muitos deles, como antibióticos, são vendidos apenas com receitas médicas. Outros brasileiros contaram-me que os remédios contra gripe vendidos em farmácias norte-americanas causam bastante sono, o que os impediria de trabalhar e, portanto, diminuiria seus ganhos, já que muitos deles recebem por hora trabalhada.

Mas há também uma desconfiança em relação à eficiência de remédios vendidos nos Estados Unidos e até mesmo ao diagnóstico de médicos norte-americanos. Duas interlocutoras contaram-me que os anticoncepcionais que compraram em Boston não tinham nenhum efeito, pois não regulavam seus ciclos menstruais. Já outras interlocutoras contaram-me que, para os médicos norte-americanos, “não há vermes nos Estados Unidos”. Uma delas contou-me que trouxe remédio de vermes do Brasil para dar ao neto. Além de medicamentos, também há o envio de plantas medicinais para o preparo de chás e remédios caseiros.

Roupas íntimas também são recorrentemente enviadas por familiares e parentes no Brasil para os imigrantes em Boston. Calcinhas e sutiãs “brasileiros” também podem ser

encontrados em mercados brasileiros na região. Os imigrantes, principalmente mulheres, dizem não gostar do formato das roupas norte-americanas. Também há muitas reclamações em relação às calças *jeans* de marcas norte-americanas, que, nas palavras de minhas interlocutoras, não são feitas para o formato dos corpos das mulheres brasileiras. As lojas brasileiras em Boston vendem calças e roupas íntimas a preços considerados caros.

São também enviados, mas em menor quantidade, perfumes de marcas brasileiras para os imigrantes em Boston. Alguns interlocutores, no entanto, afirmaram que “não compensa” receber estes produtos do Brasil, já que podem comprar perfumes marcas “de grifes” nos Estados Unidos a preços acessíveis. Além de medicamentos, roupas e perfumes, meus interlocutores contaram-me receber ou ter recebido comidas – descrevo quais são elas a seguir.

4 - A comida que viaja

Como relatei anteriormente, meus interlocutores afirmaram não terem dificuldades para encontrar alimentos “brasileiros” em Boston. A crescente oferta destes alimentos nas últimas décadas acompanhou o aumento do fluxo de imigrantes do Brasil para a região. Apesar desta aparente facilidade em se encontrar e preparar comida “brasileira”, ouvi muitos relatos de imigrantes que recebem algumas comidas do Brasil. Da mesma forma que outros produtos relatados acima, essas comidas chegam principalmente em malas, trazidas por pessoas em viagem para os Estados Unidos, ou, com menor recorrência, pelos correios. Pelas minhas observações, este fluxo de comidas segue apenas um sentido: do Brasil para os Estados. Uma religiosa da Igreja Católica de Everett contou-me que a comunidade brasileira da região fez uma campanha para ajudar atingidos pelas enchentes em Santa Catarina em 2008. Foram arrecadadas e enviadas roupas e quantias em dinheiro, mas não comida, pois, segundo ela, “eles querem [a comida] de lá”.

É enviada para os imigrantes em Boston uma grande variedade de comidas: doces, frutas, verduras e até mesmo carnes. Alguns destes alimentos são mandados por não serem encontrados em terras norte-americanas, como jabuticaba, por exemplo. Outros alimentos podem ser encontrados, como mangas e jacas originárias da América Central ou de Estados do sul dos Estados Unidos, como Florida e Califórnia, mas são de

variedades e sabores diferentes dos cultivados em terras brasileiras. Como destacam meus interlocutores, estes alimentos “não têm gosto” como os do Brasil.

A comida e seus sabores são um veículo para a memória, marcada pela saudade do Brasil. Marília¹³ é de Vitória, no Espírito Santo, mora há 20 anos nos Estados Unidos e possui cidadania norte-americana. Ela costuma vir pelo menos a cada dois anos ao Brasil, e sempre leva alimentos para os Estados Unidos, inclusive atendendo a pedidos de outros brasileiros, como mostra seu relato:

Eu me lembro que uma vez eu trouxe uma penca de banana prata, porque aqui não tem banana prata. (...) Aqui só tem banana nanica. (...) tem umas pessoas que falam caturra... no Espírito Santo a gente fala nanica. Eu lembro que uma senhora mineira me disse: “quando você for ao Brasil – *tadinha*, me deu uma pena dela! – traz uma banana prata pra mim, uma!” Não é que isso cortou meu coração? Aqui não tem banana prata não. Aí eu fui a um supermercado lá em Vitória, eu comprei bem verde. Menina, você acredita que chegou aqui dessa cor, amarela? A viagem daqui no Brasil é só um dia e pouco. Aí eu pensei assim: ‘vou ter que dar isso correndo, vai apodrecer!’ Então foi aquela festa, aquela alegria...

Além da banana, outras frutas são frequentemente transportadas em malas para os imigrantes brasileiros em Boston. Marcos disse-me já ter trazido maracujá, manga (“porque aqui só tem aquelas mangas grandes, não aquelas perinhas, que são mais docinhas”), e também me contou como trouxe jaca: “Você tira os gomos dela, põe no vidro, *frisa*¹⁴, aí quando chega aqui tá *frisado* ainda.” Segundo Marcos, ele costuma receber jabuticaba periodicamente de um amigo que vêm todos os anos para o Brasil. Já Ana disse-me ter saudade de comer pinhão, que não encontra em mercados em Boston, e tê-lo recebido da irmã, que mora em Curitiba. Segundo ela, a irmã comprou pinhão em uma embalagem fechada a vácuo, e lhe enviou em uma caixa por correio.

Assim como frutas, também são enviados os produtos “da roça”, que são valorizados por meus interlocutores por serem “naturais”. Estes produtos estão relacionados à vida dos imigrantes no interior antes da migração, ou a representações idealizadas da vida campestre em oposição à vida urbana e seus alimentos industrializados. No relato de Marília a seguir, é interessante perceber que as garrafas de cachaça “da roça” que compra no Brasil não são para seu consumo, mas para serem dadas de presente a amigos brasileiros homens, que apreciam a bebida. Ela também costuma ter uma garrafa de cachaça em casa para servir amigos brasileiros que a visitam:

Eu adoro trazer cachaça da roça pra trazer de presente para algumas pessoas, porque eu não tomo cachaça, mas eu sou apaixonada pelo cheiro da cachaça da roça. É do interior do Espírito Santo, lá tem muito alambique, eu acho isso o máximo, porque é uma coisa super natural.

¹³ Todos os nomes de meus interlocutores foram substituídos por nomes fictícios em respeito à sua privacidade.

¹⁴ “Frisar” é uma forma aportuguesada do verbo inglês “freeze”, que significa congelar, e é bastante falado pelos imigrantes brasileiros.

A pamonha também foi descrita por muitos de meus interlocutores como um produto “da roça”. Alguns brasileiros que possuem *Green Card* disseram-me receber pedidos para trazer pamonha, principalmente as preparadas por familiares de imigrantes no Brasil. José contou-me ter trazido na mala pamonhas para a prima de sua esposa que o receberia na Flórida, assim que migrou para os Estados Unidos com a mulher e os dois filhos. Ele disse-me que teve problemas com a fiscalização na alfândega, mas “o guarda deixou passar” quando ele afirmou que seria para o consumo de seus filhos. As pamonhas tinham sido preparadas por parentes de sua esposa no Brasil.¹⁵

Além dos produtos “da roça”, outros alimentos levados para os Estados Unidos podem ser caracterizados por seu regionalismo, como queijos e doces. Elias possui cidadania norte-americana e vem uma vez por ano ao Brasil. Ele costuma visitar o interior de Minas Gerais, onde nasceu, e comprar queijo. “Não é só o queijo mineiro, é o queijo da nossa região mesmo, o queijo cremoso, o mais típico da nossa região é o queijo cabacinha, que vinha pendurado numa tirinha”, Elias explicou em entrevista.

Os doces – cristalizados ou em compotas – são alguns dos alimentos mais enviados para os Estados Unidos. Elias traz rapadura todas as vezes que vem ao Brasil, por isso não se preocupa em procurar este doce em Boston. Ele trazia doce de figo e de laranja cidra feitos por sua mãe quando ela ainda era viva. Depois que sua mãe faleceu, nunca mais trouxe doce. Diz que sua irmã, que mora no Paraná e vai todos os anos para Boston, faz os doces no Brasil e os leva para os Estados Unidos para distribuir para os três irmãos que moram lá. Segundo Elias, “ela é a segunda mãe... ela cozinha igual à mãe.” Outros interlocutores falaram-me sobre o desejo de receber doces preparados por familiares no Brasil. Como me explicou Tadeu, “também se acha doce aqui [em Boston], mas não é da qualidade que a mãe e o pai fazem”. Há ainda os doces que marcam eventos familiares importantes. Zilda contou-me que recebeu certa vez docinhos de festa de sua irmã - brigadeiro, beijinho, cajuzinho, entre outros – pelo correio, dentro de uma caixa de ovos.

Além destes doces preparados pela família são também enviados os doces mineiros tradicionais. Vitória, cozinheira em Boston, recebeu de familiares do Brasil sete tipos diferentes de goiabada, feitas por fazendeiras mineiras que participam de concurso de culinária. Ela costuma fazer pedidos do envio de pão de mel (segundo ela, não tem em

¹⁵ Como afirmei anteriormente, segundo meus interlocutores, há dificuldade em preparar pamonha nos Estados Unidos por causa do milho cultivado naquele país. De acordo com eles, o “milho norte-americano” é mais doce e não apresenta consistência suficiente para o preparo da pamonha. Mas conheci duas brasileiras que afirmaram que é possível comprar “milho brasileiro” diretamente em algumas fazendas de proprietários norte-americanos no Estado de Massachusetts.

Boston), além de marmelada, doce de leite e de laranja – nenhum deles enlatado. As panelas de barro e ferro mineiras, expostas na sua cozinha, foram trazidas por irmãos e amigos. Ela costuma levá-las para servir comidas quando trabalha em festas.

Não são apenas as comidas caseiras ou feitas a mão que são mandadas para os imigrantes em Boston. Também são enviados alimentos industrializados que não são encontrados nos Estados Unidos, como bombons e chocolates de marcas “brasileiras”. Mônica, que atualmente mora nos Estados com as duas filhas e o neto, conta que enviou salgadinhos para elas: “quando eu fui pro Brasil eu mandei uma caixa de *cheetos* para as meninas, de tanto que elas gostavam e que aqui não achavam lá... aí fizeram uma lista e eu mandei uma caixa destas coisas pra elas”. Após voltar para Boston, Mônica pediu para parentes em viagem para os Estados Unidos levarem suspiro e cocada baiana. “Agora minha sobrinha vai vir e vai trazer um monte destes cristalizados”, ela me contou.

Alguns produtos industrializados em Boston são tidos como diferentes dos similares comprados no Brasil e, por isso, são também enviados para os imigrantes em Boston. Marília disse-me sempre trazer café *Pilão* do Brasil, que considera um dos melhores cafés. Esta mesma marca pode ser encontrada nos Estados Unidos, inclusive em lojas brasileiras, mas, nas palavras de Marília, “é ruim demais”.

Meus interlocutores também me contaram ter levado ou recebido carnes. A carne brasileira é considerada diferente da norte-americana por causa do corte, mas também por causa do “gosto”, assim como outros alimentos citados anteriormente. Cecília disse-me que seu marido, pastor, certa vez ajudou um ex-aluno brasileiro a conseguir lugar para ficar em Boston e lhe forneceu outras informações úteis para seu estabelecimento na região. Em retribuição, o jovem lhe perguntou se queria que levasse algo, e o pastor respondeu que queria uma picanha. Segundo Cecília, ele levou duas. O jovem as teria comprado pouco antes da viagem, maturadas e congeladas, e colocado-as embrulhadas em uma caixa de *esopor*. De acordo com Cecília, que mora legalmente com a família em Boston,¹⁶ é bastante comum receber pedidos para trazer carne de seca do Brasil, pois esta é dificilmente encontrada nos Estados Unidos, mas ela se recusa por ser proibido. Outros interlocutores disseram-me ter pedido lingüiça, cujo transporte em malas nos aeroportos é proibido, pois “não é possível encontrar lingüiça como a brasileira” em Boston. Já Marcos contou-me ter trazido carne de tatu, que ganhara de uma amiga da família em uma de suas viagens para Minas: “a gente fritou ele e colocou em um pote de creme de cabelo.”

¹⁶ Padres, pastores (e seus familiares) e freiras podem viver legalmente nos Estados Unidos com vistos específicos concedidos a religiosos.

5 - Considerações finais: *food for thought*

Para pensar a circulação de comida entre Brasil e Boston, é importante compreendê-la dentro de um fluxo mais amplo, e em sua relação com outros produtos. Neste artigo, relatei que são enviados para o Brasil aparelhos eletrônicos e roupas, tênis e perfumes “de grifes” – objetos de desejo de um mundo urbano, “sofisticado” e moderno, pouco acessíveis no Brasil devido a seus preços elevados. Por outro lado, medicamentos são mandados para os Estados Unidos, que auxiliam os imigrantes a lidarem com dores e doenças durante sua árdua rotina de trabalho, evitarem altos custos de tratamentos médicos e a desconfiança dos diagnósticos de médicos e dos efeitos dos medicamentos norte-americanos. As roupas íntimas do Brasil são também frequentemente recebidas por imigrantes, pois, nas palavras de uma delas, “melhor se adaptam ao corpo das brasileiras”.

Qual o lugar da comida nesta circulação? Pelos relatos de meus interlocutores, a comida carrega a memória – da infância, da família, do passado e da terra natal. Para os imigrantes que entrevistei, o “gosto” aparece como um veículo para a memória, pois não basta comer a comida “brasileira” – é preciso que seu sabor evoque as lembranças do Brasil. Nem sempre essas lembranças têm efeito positivo. Lembro de Rosa, *housecleaner*, que me contou que uma amiga brasileira costumava receber do Brasil pequi, chouriço, manga, jiló... Quando lhe perguntei se já tinha recebido algum alimento do Brasil, ela respondeu que não e explicou: “isso é besteira, porque a gente come, dá saudade e depois acaba”.

Nestes fluxos de comidas, o papel das redes sociais é fundamental. É através delas que é possível a conexão de pessoas entre os dois países. Neste sentido, proponho-me a pensar que a circulação de comida é também a circulação de relações, da manutenção dos laços familiares e das conexões com o lugar de origem ou com o passado. Cecília contou-me que morou com o marido no Uruguai em 1989, quando não era possível encontrar produtos brasileiros naquele país: “Meu marido dizia assim: nossa, eu tenho saudades de coisas que eu detestava no Brasil... bolo *Puma*, pastel de feira... coisas básicas você não acha mesmo.” É interessante também pensar que alguns alimentos podem evocar o que Appadurai chama de “nostalgia imaginada” (1996, p. 77): os produtos “da roça” são muitas vezes associados à idéia de pureza e “natural”, que remetem a uma idealização de tempos e lugares.

Como sugere Miller (2008), é preciso pensar o papel das coisas em nossos relacionamentos, não apenas com outras pessoas, mas também com nós mesmos, com outros tempos e espaços. Neste artigo, destaquei o envio de comida para imigrantes brasileiros em Boston dentro de um fluxo transnacional de outros produtos. Estou ciente, no entanto, que estão presentes neste fluxo outras circulações: de dinheiro, valores culturais, imagens, memórias, ideologias... Por estas razões, estes fluxos não devem ser desprezados, pois podem servir como vias de leitura para compreender, entre outras coisas, a experiência de ser imigrante brasileiro(a) nos Estados Unidos.

Referências Bibliográficas

APPADURAI, Arjun. *The social life of things: commodities in cultural perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

_____. *Modernity at large: cultural dimensions of globalization*. London: University of Minnesota Press, 1996.

BOYD, Monica. "Family and personal networks in international migration: recent developments and new agenda". In: *International Migration Review*. 23(3):638-670, fall, 1989.

DOUGLAS, M. "Deciphering a Meal". In: GEERTZ, C. (org) *Myth, Symbol and Culture*. N.Y., Norton, 1971. pp. 61-81.

DOUGLAS, Mary & GROSS, Jonathan. "Food and culture : measuring the intricacy of rule systems". *Mary Douglas, - Social science information. - London. - Vol. 20, no 1, 1981. pp. 1-35*

FISCHLER, Claude. *L'Homnivore*. Paris, Odile Jacob: 1992.

_____. "Gastro-nomía y gastro-anomia. Sabiduría del cuerpo y crisis biocultural de la alimentación contemporânea". In: CONTRERAS, Jesús (org.). *Alimentación y Cultura: Necesidades, usos y costumbres*. Barcelona: Universitat de Barcelona, 1995.

FLEISCHER, Soraya Resende. *Passando a América a limpo: o trabalho de housecleaners brasileiras em Boston, Massachussetes*. São Paulo: Annablume, 2002.

FONER, Nancy. *From Ellis Island to JFK: New York's two great waves of immigration*. New Haven London: Yale University Press; New York: Russell Sage Foundation, 2000.

GLICK-SCHILLER, Nina, BASCH, Linda, BLANC-SZANTON, Cristina. "Towards a Definition of Transnationalism: Introductory Remarks and Research Questions". In: GLICK-SCHILLER, Nina, BASCH, Linda, BLANC-SZANTON, Cristina (ed.). *Towards a transnational perspective on migration: Race, class, ethnicity and nationalism reconsidered*. New York: Annals of the New York Academy of Sciences, 1992. pp. ix-xiv

HANDLIN, Oscar. The uprooted. Boston, Atlantic Monthly Press Book, 1971 (2nd edition), 1951 (1st edition).

HOLTZMAN, Jon D. "Food and Memory". Annual Review of Anthropology. 2006. pp. 261-378. Disponível em arjournals.annualreview.org. Data de acesso: 26/05/2010.

LÉVI-STRAUSS, Claude. "Le triangle culinaire". In: L'Arc, no. 26, 1965. pp. 19-29
_____. O cru e o cozido. São Paulo: Editora Cosac & Naify, 2004.

LIMA, Alvaro. Brasileiros na América. Boston, 2009.

MARGOLIS, Maxine. Little Brazil. Princeton University Press, 1994.

_____. Invisible minority: Brazilians in New York City. Massachusetts, Allyn and Bacon, 1998.

_____. "An New Ingredient in the Melting Pot: Brazilians in New York City". City and Society, 3 (2): 179-187. 1989.

_____. "Na virada do milênio: a emigração brasileira para os Estados Unidos". In: MARTES, Ana Cristina Braga e FLEISCHER, Soraya (orgs.). Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais. São Paulo, Paz e Terra, 2003.

MASSEY, Douglas. "The social organization of migration". In: MASSEY, Douglas, ALARCON, Rafael, DURAND, Jorge and GONZÁLEZ, Humbert. Return to Aztlan: the social process of international migration from Western Mexico. Berkeley, University of California Press, 1990. pp.139-171.

MILLER, Daniel. The Comfort of Things. UK: Polity Press, 2008.

MINTZ, Sidney W. "Food and anthropology: a brief overview". Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 16, n. 47, 2001.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092001000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 May 2008.

POULIN, Jean-Pierre. Sociologias da Alimentação: Os comedores e o espaço social alimentar. Fpolis, UFSC: 2004.

RIBEIRO, Gustavo Lins, "A Condição da Transnacionalidade". Série Antropologia, Departamento de Antropologia. Universidade de Brasília, número 223, 1997.

SIMMEL, Georg. "Sociologia da refeição". Estudos Históricos, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, n. 33, p. 159-166, jan-jun 2004.

WOORTMANN, Klaas. "A Comida, a Família e a Construção do Gênero Feminino". Revista de Ciências Sociais, 29 (1), 1986. pp.103-30.